



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

WEDSON GALDINO DA SILVA

**REGINALDO ROSSI: DO INÍCIO MUSICAL NO IÊ-IÊ-IÊ À CONSAGRAÇÃO
COMO O “REI DO BREGA” (1964-1990)**

**CAMPINA GRANDE-PB
2019**

WEDSON GALDINO DA SILVA

**REGINALDO ROSSI: DO INÍCIO MUSICAL NO IÊ-IÊ-IÊ À CONSAGRAÇÃO
COMO O “REI DO BREGA” (1964-1990)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do grau de licenciado em História.

Orientador: Prof. Me. José do Egito Negreiros Pereira

**CAMPINA GRANDE-PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586i Silva, Wedson Galdino da.
Reginaldo Rossi [manuscrito] : Do início musical no iê-iê-iê à consagração como o "Rei do Brega" (1964-1990) / Wedson Galdino da Silva. - 2019.
27 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Prof. Me. José do Egito Negreiros Pereira, Coordenação do Curso de História - CEDUC."
1. História Cultural. 2. Música Brega. 3. Reginaldo Rossi. I.
Título

21. ed. CDD 789

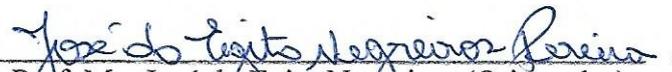
WEDSON GALDINO DA SILVA

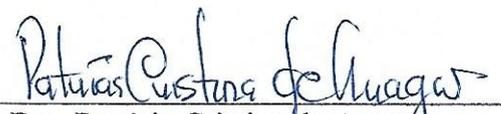
**REGINALDO ROSSI: DO INÍCIO MUSICAL NO IÊ-IÊ-IÊ À CONSAGRAÇÃO
COMO O “REI DO BREGA” (1964-1990)**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado ao Departamento
do Curso de Graduação em História da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do grau de
Licenciado em História.

Aprovada em: 04/12/2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. José do Egito Negreiros (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.ª. Dra. Patrícia Cristina de Aragão
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Anselmo Ronsard Cavalcanti
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À todas as pessoas que apreciam a arte e a
beleza da música “brega” brasileira, DEDICO.

“Estava sentado na praça,
Quando um amigo chegou,
Veio pedindo pra mim cantar,
Um brega falando de amor.”

Adelino Nascimento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
A Nova História Cultural.....	07
História e Música	12
Cantar o amor virou uma coisa “brega”	14
Rossi “The King”	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	26

REGINALDO ROSSI: DO INÍCIO MUSICAL NO IÊ-IÊ-IÊ À CONSAGRAÇÃO COMO O “REI DO BREGA” (1964-1990)

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de realizar uma análise da carreira artística do cantor e compositor Reginaldo Rossi, mediante uma explanação de parte de sua discografia de um período que vai desde a sua estreia no mundo da música em meados da década de 1960 até o momento da sua consagração como o “Rei do Brega” na década de 1990. Construimos um debate sobre a história cultural, dando ênfase para o tema história e música, onde diálogos com obras que tratam sobre o assunto nos ajudaram a mostrar como foi surgindo essa corrente historiográfica. No campo da música está incluído o gênero musical “brega”, que com o passar dos anos foi sendo categorizado de uma forma quase sempre marginalizada na música brasileira e teve que enfrentar obstáculos para conseguir algum status nesse meio. Destacamos como foi sendo criada essa “identidade da música brega”, e principalmente como Reginaldo Rossi foi se moldando para se transformar no Rei da música “brega” brasileira.

Palavras-chave: História Cultural; Música Brega; Reginaldo Rossi.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo realizar un análisis de la carrera artística del cantante y compositor Reginaldo Rossi, a través de una explicación de parte de su discografía desde un período que abarca desde su debut en el mundo de la música a mediados de la década de 1960 hasta la época de la su consagración como el "Rey de Brega" en la década de 1990. Construimos un debate sobre la historia cultural, haciendo hincapié en el tema de la historia y la musica, donde los diálogos con obras que abordan el tema nos ayudaron a mostrar cómo estaba surgiendo esta corriente historiográfica. En el campo de la musica se incluye el género "cursi", que a lo largo de los años ha sido categorizado de una manera casi siempre marginada en la musica brasileña y tuvo que enfrentar obstáculos para alcanzar cierto estatus en este medio. Destacamos cómo se creó esta "identidad de la música cursi", y especialmente cómo Reginaldo Rossi se estaba moldeando para convertirse en el Rey de la musica “cursi” brasileña.

Palabras clave: Historia cultural. Musica Cursi. Reginaldo Rossi.

INTRODUÇÃO

Neste artigo procuramos fazer uma análise da vida artística do cantor Reginaldo Rossi, mais conhecido como o Rei do Brega. Para isto, mostraremos como foi sendo construída a sua carreira musical desde as dificuldades enfrentadas no início de sua jornada artística, as

mudanças de estilos musicais feitas pelo mesmo, e a chegada do momento de sua “coroação” como o “Rei” da música brega. A nossa pesquisa teve como fio condutor as análises de entrevistas e matérias sobre o cantor que foram publicadas ao longo de décadas, informações e discussões levantadas em documentários, parte de sua discografia, além de obras publicadas sobre a música brasileira (especialmente sobre o gênero musical que ganhou a alcunha de “brega”), para assim chegarmos ao objetivo esperado.

Também iremos destacar a importância das pesquisas sobre cultura na história da humanidade, dando-se ênfase ao tema história e música. Com o passar do tempo, as noções sobre o que era ou não importante para se estudar foram se modificando, e diante disso, foi surgindo uma corrente historiográfica que ficou conhecida como história cultural. Corrente essa, que passou a ganhar destaque no meio das pesquisas de história por trazer ao centro das pesquisas de historiadores acontecimentos, e pessoas, que antigamente eram deixados à margem da historiografia oficial.

Um tema que conquistou um lugar de destaque entre os pesquisadores dessa nova história cultural foi a música, que passou a ser mais estudada para tentarmos compreender o seu papel na história da humanidade. E, com base nesse tema abriremos os caminhos para a construção do nosso artigo. Dissertaremos um pouco sobre história e música, e discutiremos como a música pode influenciar na vida das pessoas que vivem em uma sociedade.

Para tentar explicar melhor essas metamorfoses na música, usaremos como objeto de estudo o gênero musical “brega” que já sofre preconceito pelo próprio nome, pois, durante muitos anos foi taxado como uma música de baixa qualidade ou “cafona”. Falaremos um pouco sobre a história desse gênero musical, até finalmente chegarmos ao nosso principal objetivo onde iremos falar sobre a vida artística do “Rei” Reginaldo Rossi.

A Nova História Cultural

No início do século XX, uma nova forma de se escrever a história surgiu junto com a criação da *Escola dos Annales* em 1929, na França. A partir da grande contribuição dos historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre, surgiu uma nova corrente historiográfica que se distanciava do positivismo e que discordava em certos pontos do materialismo histórico. Essa nova forma de se escrever a história também passou a dar importância a indivíduos que antes eram esquecidos, como era o caso das crianças e das mulheres que, de rejeitadas na escrita da história passaram a ganhar o seu reconhecido lugar de sujeitos históricos.

A partir da segunda metade do século XX, a produção historiográfica ganhou um grande impulso, nesse mesmo tempo surgiu a *História das Mentalidades*, principalmente na França, e novos problemas foram colocados para os historiadores. Podemos destacar aqueles que surgiram em decorrência do trabalho com fontes diferentes, como por exemplo processos jurídicos, que passaram a ser um tipo de fonte que se transformaram em objeto de estudo dos historiadores. Nesse mesmo tempo aumentaram os estudos sobre a ação de trabalhadores, mulheres, “loucos”, marginalizados entre outros na história. Além disso:

(...) Temas antes impensáveis para a historiografia, como a sexualidade, as lágrimas, a loucura, e mesmo a feitiçaria e os cultos agrários, passaram a fazer parte do universo dos historiadores. Essa história nova rompeu os limites impostos pela história tradicional à pesquisa histórica. (...) Os novos temas possibilitaram a ampliação dos domínios da História. A substituição da tradicional narrativa dos acontecimentos por uma história-problema contribuiu para que o campo da pesquisa histórica se tornasse o ‘reino da liberdade’, das múltiplas perguntas e respostas que os homens do presente fazem ao passado (BERUTTI, 2009, p. 44-45).

Com o passar dos anos, os historiadores passaram a usar como fontes de pesquisa alguns tipos de documentos que em outros tempos não eram considerados como dignos de serem classificados como tais, pois, só ganhavam o conceito de fontes aqueles documentos escritos que falassem sobre os feitos dos grandes heróis, e assim a história de vida da maioria dos povos ficava invisível. Isso veio mudar notadamente a partir do surgimento das duas correntes historiográficas mais hegemônicas durante parte do século XX: o materialismo histórico marxista e a Escola dos Annales. Segundo Albuquerque Júnior, essas duas correntes historiográficas foram muito importantes porque “Tanto na historiografia dos Annales, como na historiografia marxista, discursos e pronunciamentos de outros grupos sociais, de outros personagens que não aqueles das classes dominantes vieram fazer parte do texto dos historiadores.” (2009, p. 233).

No decorrer da década de 1970, os estudos sobre as mentalidades foram se tornando uma coisa cada vez mais rara no campo da historiografia, desde então um novo campo foi se abrindo para aqueles que pensavam em estudar as ações das pessoas ao longo dos anos, e assim, foi ganhando espaço aquilo que hoje conhecemos como história cultural, ou “nova história cultural”, expressão essa usada por Lynn Hunt em seu livro *A Nova História Cultural*. O termo “nova” foi empregado com o intuito de diferenciá-la da história cultural clássica que surgiu no fim do século XVIII, que baseada no Iluminismo, passou a cultivar interesse em estudar a evolução da humanidade incluindo o seu comportamento em diversas situações do

cotidiano. O termo cultura ainda se manteve, com a função de especificar o tipo de história que é feito.

Essa corrente historiográfica é importante, pois, nela podemos trazer para o campo da historiografia personagens e fatos que antes não eram levados em conta por quem escrevia a história, assim novas abordagens foram feitas pelos historiadores que começaram a se dedicar mais à pesquisas sobre as tradições culturais dos povos que passaram a ganhar o seu lugar na escrita da história. Apesar desse novo campo de pesquisas parecer bastante complexo, Hunt nos fala que:

(...) os historiadores que trabalham com a cultura não devem deixar-se desanimar pela diversidade teórica, pois acabamos de entrar em uma nova e extraordinária fase em que outras ciências humanas (incluindo-se aí, em especial, os estudos literários, mas também a antropologia e a sociologia) estão nos redescobrimo. O próprio uso do termo novo historicismo nos estudos literários, por exemplo, é revelador desse movimento (HUNT, 1992, p. 29)

Um trabalho que nos ajuda a compreender um pouco mais sobre essa história das mentalidades, e sobre o que veio após ela, é a conhecida obra *Domínios da História* (1997), onde o autor Ronaldo Vainfas nos apresenta um estudo sobre a história das mentalidades e de como um futuro declínio no interesse dessa corrente deu lugar ao que ficou conhecido na historiografia como a nova história cultural. Ele discute desde o surgimento desse tema no campo da História até algumas de suas características, ou particularidades, quando do seu papel de estudar as manifestações da cultura de determinadas sociedades em diferentes áreas como as artes, a literatura, a filosofia entre outras coisas. Segundo o autor:

A chamada Nova História Cultural não recusa de modo algum as expressões culturais das elites ou classes 'letradas', mas revela especial apreço, tal como a história das mentalidades, pelas manifestações das massas anônimas: a festas, as resistências, as crenças heterodoxas... Em outras palavras, a Nova História Cultural revela uma especial afeição pelo informal e, sobretudo, pelo popular (VAINFAS, 1997, p. 138).

No decorrer de sua obra, Vainfas traz para o debate alguns autores que podem ser considerados pioneiros na escrita dessa nova história cultural, um dos trabalhos citados por ele é a famosa obra *O Queijo e os Vermes*, publicada em 1976 pelo historiador Carlos Ginzburg e que conta a história de um moleiro que foi condenado como herege pela Inquisição da Igreja católica no século XVI. Ainda segundo Vainfas:

Ginzburg abandonou o conceito de mentalidades e adotou o de cultura popular, definindo-a como ‘o conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamento próprios das classes subalternas num certo período histórico (...)’. Partindo de uma definição aparente mente empírica, inspirada na antropologia cultural, Ginzburg acaba por formular uma visão geral original de cultura popular (...). (Ibidem, 1997, p. 140).

O historiador Peter Burke, no início do livro *A Escrita da história: novas perspectivas* (1992), do qual foi organizador, nos fala que “a base filosófica na nova história é a ideia de que a realidade é social ou culturalmente constituída”. (BURKE, 1992, p. 11). Ou seja, essa nova história deixou de lado aquela visão onde só os “grandes heróis” seriam os responsáveis por mudar os rumos da história, e passa a nos mostrar que qualquer pessoa é capaz de ser partícipe (e importante) no processo histórico, conseqüentemente, essa pessoa pode ser culturalmente moldada diante daquilo que lhe é exposto ou ensinado na sociedade em que vive.

Em outra parte de seu trabalho, Burke se mostra bastante racional quando confessa que “ainda estamos a uma longa distância da ‘história total’ defendida por Braudel. Na verdade, seria irrealista acreditar que esse objetivo seria alcançado – mas alguns passos a mais foram dados em sua direção”. (Ibidem, 1992, p. 37). Para o autor trabalhar a cultura popular de um povo se mostra uma tarefa difícil, pois como é que iríamos conseguir conceituar o que é popular? Quem devemos classificar como povo? Seguindo esse pensamento, percebemos que apesar da nova história cultural englobar novos fatos como fontes históricas, o historiador nunca deve ter a audácia de se achar um instrumento que vai conseguir descobrir uma “história verdadeira”.

Na mesma obra, temos um artigo intitulado “*A história vista de baixo*”, onde o seu autor Jim Sharpe nos fala sobre essa nova forma de se escrever a história. O autor nos mostra que o historiador passou a se interessar pelo ponto de vista daqueles que estavam em um nível “abaixo” dos grandes heróis que eram retratados como os únicos agentes da história segundo a sociedade da época. Ao pesquisarem o cotidiano dessas pessoas mais simples, alguns dos agentes que ficavam à margem no campo historiográfico passaram a receber o seu lugar ao sol, e assim, essas pessoas passaram ser reconhecidas como participantes dos processos históricos que foram ocorrendo com o passar dos anos no meio das sociedades. Com isso, historiadores conseguiram obter novas visões de acontecimentos históricos, que passaram até a ganhar “novas” versões por causa de fatos que somente agora vieram à tona por causa desse interesse pela opinião das pessoas menos abastadas. Para Sharpe:

a importância da história vista de baixo é mais profunda do que apenas propiciar aos historiadores uma oportunidade para mostrar que eles podem ser imaginativos e inovadores. Ela proporciona também um meio para reintegrar sua história aos grupos sociais que podem ter pensado tê-la perdido, ou que nem tinham conhecimento da existência de sua história. (...) A história vista de baixo pode desempenhar um papel importante neste processo, recordando-nos que nossa identidade não foi estruturada apenas por monarcas, primeiros-ministros ou generais. (Ibidem, 1992, p. 59-60)

Outro trabalho que contribui para entendermos a história cultural é o livro *História & História Cultural* (2005), obra essa onde a autora Sandra Jatahy Pesavento faz uma análise de como esse conceito de História Cultural foi se formando ao longo dos anos, e também como (e quando) foram surgindo os primeiros estudos sobre o tema. A partir de algumas das discussões levantadas pela autora no decorrer do seu trabalho, podemos absorver conteúdos bastante proveitosos. Nesse trabalho, podemos ver que a autora estuda, pesquisa e pratica a História Cultural, neste texto, ela avalia as possibilidades que foram abertas por essa História Cultural, mas sem com isso deixar de mostrar também os seus limites. Ela expõe que algumas das principais mudanças epistemológicas decorrentes da História Cultural estiveram ligadas à reorientação da postura do historiador, a partir dos conceitos de: representação, imaginário, narrativa, ficção e sensibilidades. Para ela:

(...) as representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coerciva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade” (PESAVENTO, 2005, p. 39).

A história cultural também pode ser considerada como uma forma de manter viva uma memória social, e, essa memória tanto pode ser individual ou coletiva. É sabido que os fatos históricos fazem parte da nossa memória, pois mesmo quando nós não vivemos o ocorrido, podemos tomar para nós como se tivéssemos feito parte daquele fato. Essa história cultural pode (e deve) ser levada conosco por onde quer que andemos, ela representa o nosso passado e simboliza as nossas raízes. Somos levados a isso por meio de informações que recebemos e vamos agregando às nossas memórias. Estudar as culturas dos povos, é deixar de lado a velha maneira de se fazer história estudando apenas os grandes temas nacionais, e se debruçar nos estudos de alguns grupos específicos, o que possibilitará ao historiador uma melhor compreensão e interpretação de como alguns desses indivíduos se tornaram agentes da história.

Diante disso, várias pesquisas foram feitas no decorrer dos anos, buscando-se mostrar fatos do cotidiano que anteriormente foram deixados de lado por outras correntes historiográficas, em decorrência de se tratarem de assuntos que não mereciam tanta relevância a ponto de serem estudadas. Um desses assuntos era a música, que não era encarada como uma forma de se estudar em história, mas desde então ganhou uma atenção especial de alguns historiadores que passaram a perceber o papel social que ela exerce.

História e Música

A música sempre teve um papel importante na história da humanidade, com o passar dos anos, ela passou a receber atenção especial de pesquisadores que se debruçaram nessa seara para tentar encontrar relações entre alguns fatos que ocorriam nas sociedades e os tipos de músicas que eram produzidas nas mesmas. Esses estudos começaram a mostrar que diferentes gêneros musicais foram surgindo de acordo com o modo de viver e de pensar, das pessoas em determinadas épocas, e, que esses gostos musicais faziam parte da história cultural das pessoas.

As transformações teóricas, as novas concepções de material documental e a prática renovada do historiador determinaram a incorporação de novas linguagens pela História ao longo dos anos. Dessa forma, as relações entre história, cultura e música popular podem desvendar processos pouco conhecidos e raramente levantados no campo da historiografia. Para o historiador Roberto Catelli:

(...) o estudo da história não se limita à sucessão de fatos econômicos e políticos, uma vez que a história do homem se insere em uma dimensão bem mais ampla, da qual fazem parte a produção artística, a vida religiosa, os elementos do cotidiano, o lazer. Enfim, estudar a história do homem inclui tudo o que contribui para refletir acerca da experiência humana em determinado tempo e espaço (CATELLI JUNIOR, 2009, p. 141).

Em 2002, o historiador Marcos Napolitano em sua obra *História & Música*, trouxe para o debate acadêmico a sua percepção de como a música ocupa um espaço privilegiado na história sociocultural de um povo, e que pode ser usada como fonte histórica ou como um recurso didático em sala de aula, em especial ele discorre preferencialmente sobre a relação entre música ocidental (majoritariamente brasileira) e a história. Na introdução do seu trabalho, podemos ver que no Brasil a chamada “música popular” é o resultado de um

encontro de classes, etnias e religiões que formam um grande retalho musical nacional. Observamos, conforme Napolitano (2002), que essas músicas são de certa maneira uma forma que os brasileiros encontraram de expressar aquilo que sentem, e que vivem no seu dia a dia, e assim, conseguem desabafar nas canções.

Essa música, presente no cotidiano das pessoas, percorreu um longo caminho até se tornar essa fonte histórica que se faz presente na nova história cultural. Ainda na obra de Napolitano, nos é mostrado que:

Aquilo que hoje chamamos de música popular, em seu sentido amplo, e, particularmente, o que chamamos “canção” é um produto do século XX. Ao menos sua forma “fonográfica”, com seu padrão de 32 compassos, adaptada a um mercado urbano e intimamente ligada à busca de excitação corporal (música para dançar) e emocional (música para chorar, de dor ou alegria...). A música popular urbana reuniu uma série de elementos musicais, poéticos e performáticos da música erudita (o lied, a cançon, árias de ópera, bel canto, corais etc.), da música “folclórica” (danças dramáticas camponesas, narrativas orais, cantos de trabalho, jogos de linguagem e quadrinhas cognitivas e morais e do cancionero “interessado” do século XVIII e XIX (músicas religiosas ou revolucionárias, por exemplo). (Ibidem, 2002, p. 8).

Ao longo dos anos, as músicas foram sendo aperfeiçoadas: de melodias usadas em peças de teatro, em cerimônias religiosas, ou simplesmente de ritmos dançantes que existiam para fazer as pessoas movimentarem o corpo surgiram as músicas letradas. E, com o advento dessas letras nas canções, que passaram a ser escritas de acordo com aquilo que as pessoas queriam expressar em seus contextos históricos, essas músicas, foram transformando-se em fontes historiográficas pelos historiadores por causa de sua grande diversidade. Pois, ela

(...) É um veículo de representação dos sentimentos das pessoas. Quem não tem uma música preferida? Quem não ouve ou cantarola canções que alegam, distraem ou marcam a sua vida? Da mesma forma, ela é utilizada para representar a relação com a pátria, com a religião, com as pessoas, com os diferentes espaços nos quais transitamos diariamente (ABUD; SILVA; ALVES, 2013, p. 59).

Trabalhar música em história é um ofício que pode render bons frutos, pois, uma canção pode ser usada para estudar fatos de uma forma bem mais ampla, por exemplo, podemos extrair elementos da vida cotidiana das pessoas das letras das mesmas. Durante esse “trabalho”, devemos tentar entender o contexto histórico da época em que tal música foi escrita, ou gravada, ver em qual espaço ela foi concebida, para assim compreendermos aquilo

que se passava na sociedade e que foi transmitido na canção. A música, quando bem explorada, também pode ser trabalhada no ensino de história porque

(...) estas podem ser compreendidas e trabalhadas de maneira diagnóstica pelo professor por meio da linguagem musical e, assim, se transformar numa ponte entre a realidade atual e o passado histórico de forma a reafirmar a ideia da História como um processo em constante transformação baseado na representação do presente (Ibidem, 2013, p. 77).

Trabalhar a música em sala de aula é um caminho que pode ser usado para fazer com que o aluno expanda a sua variedade de linguagens, ele vai aprender outras formas de interpretar e discutir fatos históricos. Tudo isso, partindo de uma lógica onde o professor lhe ajude a utilizar essa “ferramenta” no campo historiográfico. Pois, estudar história a partir da música vai além de simplesmente ouvir algumas canções distraidamente, é preciso ouvir mais de uma vez e conseguir perceber alguns aspectos que vão nos ajudar a transformar essa canção em nossa fonte de pesquisa, é necessário tratar a mesma como um documento e se debruçar sobre ela. Dessa forma: “As canções populares podem ser consideradas fontes de conhecimento histórico. Elas revelam opiniões sentimentos e fazem referência à vida social e cultural de um determinado período e grupo social.” (*op. Cit*, 2009, p. 124).

Diante disso, podemos afirmar que na nova história cultural é de grande relevância o papel dos historiadores de realizar um trabalho de análise de fontes, e assim, conseguir reunir informações suficientes para que possamos discutir canções historicamente. Neste terreno da música como forma de expressão da cultura popular de um povo, está incluído o gênero brega, que com o passar dos anos foi sendo categorizado de uma forma quase sempre marginalizada na música brasileira e teve que enfrentar vários obstáculos para conseguir algum status nesse meio e se tornar partícipe da história musical brasileira.

Cantar o amor virou uma coisa “brega”

O gênero romântico provavelmente deve ter sido um dos mais estudados na história da humanidade, pois, parece que o amor sempre encontra uma forma de caminhar junto ao que se passa nas sociedades, e isso ficou gravado não só em canções como também na literatura e em outras formas de arte, que usaram do sentimentalismo como pano de fundo para tentar contar a história da humanidade. Na história da música brasileira não foi diferente, e o amor sempre esteve presente nas canções, até mesmo em canções que narravam as dificuldades do povo,

como nas canções de protesto, por exemplo, o amor aparecia como uma das “soluções” para sanar os problemas da população.

Dentro da música romântica popular brasileira vimos acontecer uma particularidade: o surgimento do gênero musical brega a partir dos anos finais da década de 1960, alcançando seu auge nas décadas de 1970 e 1980. Gênero esse, que seria classificado por parte da sociedade brasileira (especialmente pelos críticos musicais) como sendo de baixa qualidade, e que passou a sofrer preconceito por causa das suas letras que eram consideradas muito apelativas e de mau gosto se comparadas aos gêneros musicais que eram vistos como de “boa qualidade” e que faziam sucesso entre os críticos da época.

Para melhor entendermos esse gênero, devemos primeiro buscar a resposta de uma pergunta crucial: o que seria uma música brega? Para tal questionamento, o historiador Bruno Gaudêncio tem uma opinião bastante pertinente. Segundo ele:

(...) O nome, na verdade, carrega em si um rótulo de preconceitos, não só sociais como também estéticos. Os dicionários, como o Houaiss e o Aurélio, são claros na definição e nos sinônimos da terminologia: cafona, mau gosto, sem refinamento. Puxando mais para a música, seriam canções consideradas menores e risíveis, sem valor cultural (GAUDÊNCIO, 2019, p. 7-8).

O também historiador Paulo César de Araújo (2013), contribuiu bastante com a história da música brega com a publicação do livro *Eu Não Sou Cachorro, Não*. Ele nos mostra uma pesquisa aprofundada sobre o surgimento e o preconceito sofrido pelo gênero musical brega no Brasil, a origem social desses artistas (quase todos oriundos da baixa sociedade, e que começaram a trabalhar desde a infância), e, como alguns artistas desse gênero chegaram a sofrer perseguições do Regime Militar durante os anos da ditadura instalada no Brasil (1964-1985), principalmente durante o período em que o Ato Institucional nº 5 esteve em vigor reprimindo os direitos dos cidadãos brasileiros (1968-1978). Acreditamos na relevância deste trabalho por mostrar um lado da história recente da música brasileira que até a publicação da referida obra não tinha um trabalho tão específico publicado. A literatura brasileira sempre privilegiou outros gêneros musicais ao contar a história da música popular brasileira, deixando o gênero brega em uma prateleira mais baixa no cenário musical brasileiro em decorrência de outros artistas considerados da MPB que eram exaltados. “Não dá mais para dissimular ou esconder. A produção musical ‘brega’ ou ‘cafona’ é um fato da nossa realidade cultural e, assim como a da bossa nova ou a do tropicalismo, precisa ser pesquisada e analisada” (ARAÚJO, 2013, p. 16).

Apesar de falar de amor igual a outros gêneros musicais, o “brega” ganhou a pecha de ser de “baixa qualidade” a partir dos anos iniciais da década de 1970 (nessa época o termo mais usado para esse gênero era “cafona”), pois, enquanto algumas pessoas passavam parte de seu tempo de lazer ouvindo as músicas que eram considerados clássicas da MPB, principalmente as canções de protesto famosas no auge do Regime Militar (1964-1985), ou as canções românticas do “Rei” Roberto Carlos, quem ouvisse algo que não fosse semelhante a esses gêneros musicais era considerada uma pessoa de mau gosto musical, que ouvia música de baixa qualidade. Já os artistas que cantavam músicas românticas consideradas muito apelativas, ou simplesmente “cafonas”, passaram a ser conhecidos como cantores “bregas”.

O termo brega passou a ser empregado no início da década de 80 para designar uma nova vertente dentro de um grupo de cantores anteriormente conhecidos como *cafonas*, que haviam ocupado um espaço deixado vago pela Jovem Guarda no final dos anos 60, apresentando temas românticos de grande apelo popular. Esses termos, que denotam claramente um juízo negativo de valor, foram atribuídos por uma crítica musical que considerava essa produção ‘tosca, vulgar, ingênuo e atrasada’. (FONTANELLA, 2005, p. 16).

Diante daquilo que a crítica musical brasileira escrevia a respeito do que era produzido na indústria fonográfica nacional, percebermos que o gosto musical das pessoas foi sendo “dividido por classes”, pois, aqueles que gostavam mais de uma música que fosse mais simples de se entender e que tinham letras diretas e melosas eram considerados como “cafonas”, já aqueles que ouviam os artistas mais famosos pela crítica e que cantavam as canções que tinham letras mais rebuscadas passavam a ser tratados como de bom gosto. E, essa divisão foi perdurando por um bom tempo, dessa forma os artistas bregas passaram a ser mais ouvidos por pessoas das sociedades mais baixas, enquanto as elites ouviam músicas mais “finas” e que estavam na moda.

A partir daí, uma grande parcela da população brasileira criou o hábito de passar uma boa parte do seu tempo ouvindo uma outra variedade de artistas que surgia cantando músicas de letras e melodias simples, e que penetravam na mente e nos corações de todas as camadas sociais, desde um “simples” gari até mesmo a membros da alta sociedade, que não conseguiam resistir a esse gênero e gostavam de ouvir os cantores bregas nem que fosse quando os seus empregados estivessem ouvindo música nos seus radinhos de pilha enquanto trabalhavam. Sendo assim:

Percebemos que existe um preconceito em torno desse tipo de produção ao considerar brega ou cafona uma música quando cantada por um artista

pertencente a um estilo musical caracterizado por ser divulgado em ambientes característicos, como bares e boates periféricas e prostíbulos, e por possuírem, numa primeira vista, um público menos refinado. No entanto, a mesma parece ganhar outro estatuto quando interpretada por artistas renomados da MPB, como é o caso de algumas músicas, que ao ganharem uma nova melodia e interpretação, deixam de ser consideradas bregas (BRITO; CAVALCANTE, 2017).

Antônio Carlos Cabrera também deu a sua parcela de contribuição à música brega ao publicar o seu *Almanaque da Música Brega* (2007), obra essa que mostrava o resultado de uma pesquisa sobre como eram as vidas dos artistas populares conhecidos como bregas. Nesse trabalho podemos conhecer um pouco dos perrengues que esses artistas tiveram que passar para tentar sobreviver no meio musical brasileiro mesmo com o gênero brega enfrentando tantas dificuldades entre os anos 70, 80 e 90. Essa pesquisa se mostra de grande relevância por trazer à tona detalhes das vidas de inúmeros cantores que marcaram época no universo romântico da música brega, cantores esses que em sua grande maioria iniciaram as suas carreiras musicais cantando em clubes e boates de baixa qualidade das periferias de pequenas cidades do interior brasileiro.

Uma das maiores características dos cantores bregas é sem dúvida a sua forma de se vestir, enquanto os cantores da MPB se vestiam com ternos e vestidos elegantes, do outro lado as roupas coloridas e extravagantes dos cantores considerados bregas (principalmente os artistas de origens mais humildes, que não tinham muita instrução) contribuíram e muito para que a alcunha de “brega” ou “cafona” caísse como uma luva nos mesmos. Outra característica das canções bregas eram as suas letras simples e melosas, que eram facilmente absorvidas por quem as escutasse. Essa forma tão simples de se cantar o amor foi considerada muito extravagante por parte da crítica musical brasileira, dessa forma, quem cantasse ou ouvisse canções que “tocassem” muito fundo nos sentimentos das pessoas passava a ser considerada como brega.

Em 2014, foi publicado um artigo com o título de *A música compondo dores de amor e construindo os significados da “Roedeira”*. Esse trabalho, que toma por base o significado da palavra “roedeira”¹, demonstra como algumas músicas românticas, em particular as do gênero brega serviam como uma espécie de válvula de escape para as pessoas que sofriam por algum amor não correspondido, e que viam os seus sentimentos serem expostos de uma forma

¹ Expressão regional, usada no nordeste brasileiro para designar a dor que uma pessoa sente depois de uma desilusão amorosa.

simples e direta através dessas canções de amor. Diante disso, quem gostasse de ouvir esse tipo de música passava a ser considerado uma pessoa que estava sofrendo, ou simplesmente “roendo” por causa de um caso de amor mal resolvido.

As músicas específicas de *roedeira* são denominadas de brega pela suposta falta de aperfeiçoamento linguístico, mas, para os que preferem escutar este estilo não importa se é brega ou popular mas, sim que ‘falem ao coração’. Neste sentido, ao observarmos músicas gravadas nas décadas de 1970, 1980 e 1990 por Lindomar Castilho, assim como também de Nelson Ned e Amado Batista percebemos o elo feito entre o amor e a dor expressados em suas canções. (SANTOS, 2014, p. 11).

Alguns dos mais famosos cantores de músicas “bregas” passaram a conquistar, e disputar a atenção do público de classes sociais menos abastadas a partir do começo dos anos 70. Destaque para o cantor e compositor goiano Odair José, que alcançou um enorme sucesso e chegou a ser conhecido na mídia nacional como “o terror das empregadas”, por causa de seu sucesso entre as domésticas. Ele conseguiu um grande número de vendas de seus discos graças ao sucesso de canções como *Uma Vida Só (Pare de Tomar a Pílula)* e *Eu Vou Tirar Você Desse Lugar*, essa última ele chegou a cantar em dueto com Caetano Veloso no Festival Phono 73.²

Tematizando as alegrias e tragédias de uma população menos abastada, outros artistas como Waldik Soriano, Amado Batista, Fernando Mendes, Evaldo Braga, Nelson Ned, Agnaldo Timóteo e Lindomar Castilho também garantiram grandes vendagens de discos.³ Além desses, outro artista que gozava da maioria dos atributos de um legítimo cantor “brega” foi sem dúvida o “Rei” Reginaldo Rossi, que ganhou a sua coroa por entrar de cabeça nesse mundo brega e assumir toda a sua “breguice” na forma que se portava nos palcos, em sua vida social e principalmente com as suas canções de amor carregadas de forte apelo emocional e de fácil entendimento entre o público brega.

² Exposição musical realizada pela Gravadora Phonogram no Palácio das Convenções do Anhembi, em São Paulo, no ano de 1973.

³ Para mais informações sobre a vida e obra desses e de outros cantores da música brega brasileira ver o documentário **Vou Rifar meu Coração** (2012), de Ana Rieper.

Rossi “The King”

“Quem é o galã das meninas?

Quem é que rebola gostoso?

Quero ouvir o nome

De um gatinho saboroso

É o Rossi, É o Rossi”

(BARROS, 1999)

Reginaldo Rossi, nome artístico de Reginaldo Rodrigues dos Santos nasceu na cidade do Recife, capital de Pernambuco, no dia 12 de fevereiro de 1943. Nascido no bairro dos Coelhos, Reginaldo Rossi teve um pai artista, Porfírio Rodrigues, o “Zé Fuinha”, que era quase um artista de circo. Nas palavras do próprio Rossi “Cantava, sapateava, e contava piadas”. Com a morte precoce do seu pai, a sua mãe Maria das Mercês, que na época enfrentou todas as dificuldades e preconceitos que uma mãe solteira sofria por parte da sociedade, voltou para a casa dos pais, assim, ele foi criado por um período por um tia chamada Adalgisa e após a morte também precoce dessa tia ele passou a ser criado por sua avó paterna Antônia Rossi. Aos quatro anos de idade mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, onde permaneceu até os 13 anos de idade, quando retornou ao Recife.

Apesar de ser oriundo de família de poucos recursos financeiros, ele conseguiu passar no vestibular, estudou Engenharia Civil por quatro anos. Seu fortes eram os cálculos, dessa forma ainda chegou a dar aulas de matemática e física por um período. Começou a se interessar por música em 1964, ouvindo os Beatles e intérpretes da Jovem Guarda. Autodidata no violão, Reginaldo Rossi iniciou sua carreira cantando iê-iê-iê⁴, em 1964 ele fundou junto com os amigos Fernando Filizola, Mário Moreno e Eduardo Melo, o grupo *The Silver Jets*. Foi o grupo que acompanhava os artistas da Jovem Guarda em seus shows no Recife. Em uma entrevista que ele concedeu alguns anos após sair da banda, ao falar sobre o seu grupo de rock ele dizia saudoso que “Éramos a primeira banda de rock do Nordeste. A gente sentia que estava para o Nordeste como os Beatles estavam para o mundo”⁵. Após o fim do grupo, ele

⁴ Iê-Iê-Iê foi usado como denominação do rock'n'roll brasileiro da década de 1960. O termo surgiu a partir da expressão yeah, yeah, yeah, presente em algumas canções dos Beatles, como She Loves You, por exemplo.

⁵ Parte desse depoimento de Reginaldo Rossi pode ser visto no documentário **Reginaldo Rossi, Meu Grande Amor** (2017), de José Eduardo Mignoli.

atuou como crooner em boates onde o mesmo só precisa cantar músicas de outros artistas que faziam sucesso na época.

O seu primeiro sucesso como cantor após investir em sua carreira solo foi a música *O Pão*, música composta por ele em parceria com Namir Cury e Orácio Faustino presente no disco do mesmo nome, lançado pela gravadora Chantecler em 1966, e que fala sobre um homem que sofre por um amor mal correspondido mas que tem um final feliz. Primeiro sucesso da carreira de Reginaldo Rossi, *O Pão* mostra a fase rock'n roll do cantor, antes de se tornar um expoente no gênero brega-romântico. Segundo o próprio Reginaldo, no início de sua carreira artística ele imitava Roberto Carlos nas suas performances e foi o primeiro cantor de rock do Nordeste. Nos anos seguintes ele lançou os álbuns *Festa dos Pães* (1967), onde a faixa-título era uma canção que falava sobre artistas da época da Jovem Guarda que iriam comparecer a uma festa repleta de “pães”⁶, quase uma imitação da *Festa de Arromba* de Erasmo Carlos gravada em 1965. E, *O Quente* (1968), álbum que continuava com a “pegada rock” da Jovem Guarda.

Lançou o disco seguinte somente em 1970, já pela CBS, onde estreou com o LP *À procura de você*, a música-título do álbum foi uma composição de Geraldo Nunes e Clayton. Contando também com a música *Era Domingo*, que ao longo dos anos se tornou uma das músicas mais conhecidas da fase “brega” do cantor, o disco *À procura de você* fez muito sucesso. Em 1972, lançou o LP *Nos teus braços*, que trazia a canção *Mon Amour, Meu Bem, Ma Femme*, “*Nesse corpo meigo e tão pequeno/ Há uma espécie de veneno/ Tão gostoso de provar*” (LIMA, 1972), que se tornou um clássico do cancionero brega-romântico brasileiro e foi regravação por outros artistas nacionais. Por essa época, afastou-se de vez do gênero rock e passou a apresentar um repertório dentro do chamado brega-romântico, do qual se tornou um ícone.

Lançou ainda mais quatro LPs pela CBS, entre eles o LP *Reginaldo Rossi*, em 1973. Esse álbum conta com a música *Pedaço de Mal Caminho*, “*Antigamente eu era triste e não sabia/ Que no amor sempre existia/ Um alguém pra outro alguém...*” (CÍRUS; CÉSAR, 1973), música essa que se tornou um dos grandes sucessos do início de sua carreira.

Em 1976, passou a gravar pelo selo Beverly. No ano seguinte lançou o disco *Chega de promessas*, novamente pela CBS. Ficou sem gravar até 1980, quando foi contratado pela

⁶ Esses “pães” retratados na música tratam-se de uma gíria da época da Jovem Guarda para se referir a um rapaz bonito, gostoso, desejável.

EMI, e gravou o LP *A volta*, com inúmeras composições de sua autoria, entre as quais, *Volta*, com Dom Pixote, *Uma tentação*, com Baby Santiago e *A idade do lobo*. Foi com esse LP que Reginaldo Rossi ganhou o seu primeiro disco de ouro, com mais de 100.000 cópias vendidas. Em 1981, com o lançamento do álbum *Cheio de Amor*, mais um grande sucesso da música “brega” veio ao mundo: *Em Plena Lua de Mel*. Nessa canção, Reginaldo Rossi canta a vida de uma mulher traidora e mostra como era o pensamento da sociedade da época, pois, é perceptível na letra que a mulher infiel é vista como sinônimo de vergonha e é vítima de comentários maldosos por parte da sociedade conservadora: “Moça linda, por favor/ Guarde todo esse amor pra um rapaz/ Dá vergonha de dizer/ O que disseram de você, mas ouça/ Dizem que o seu coração/ Voa mais que avião/ Dizem que o seu amor/ Só tem gosto de fel/ Vai trair o marido em plena lua de mel.” (ROSSI, 1981).

Em 1982, com o lançamento do LP *A Raposa e as Uvas*, mais uma composição do artista se tornou um grande sucesso: a faixa-título homônima. A música *A Raposa e as Uvas* se tornou um dos principais hits do gênero brega-romântico, “E tudo que a gente transava/ Eram três, quatro cubas/ Eu era a raposa/ Você era as uvas/ Eu sempre querendo/ Teu beijo roubar.” (ROSSI, 1982), além de um dos grandes sucessos da carreira de Reginaldo Rossi. Por essa época era um fenômeno de vendas no Norte e Nordeste, mas continuava esquecido no eixo Rio-São Paulo.

Em 1984, com o lançamento do álbum *Não Consigo Te Esquecer*, Reginaldo Rossi mostrou para o mundo todo o seu orgulho recifense/pernambucano ao gravar a música *Recife, Minha Cidade*, de sua autoria. “Hei! Vem cá que eu quero te mostrar/ Hei! A minha cidade, o meu lugar/ Hei! Recife tem um coração/ Hei! Tem muito calor, muita emoção/ (...) Recife tem encantos mil/ É... É um pedacinho do Brasil/ É um paraíso tropical/ Tem... Tem um acervo cultural” (ROSSI, 1984). Na letra da canção ele faz uma mistura de propaganda e sincretismo para declarar o seu amor à sua cidade natal.

Em 1985, ocorreu um fato um tanto inusitado envolvendo Reginaldo Rossi. Durante a campanha das eleições para prefeito da cidade do Recife, Rossi foi considerado um dos “motivos” da vitória do então candidato Jarbas Vasconcelos (à época filiado ao PSB). Em um período onde as pessoas não se entusiasmavam muito para ir em eventos de campanhas eleitorais, Rossi foi contratado pela equipe do candidato para cantar em alguns comícios e participar de alguns atos da campanha, dessa forma, a campanha foi crescendo em número de eleitores e simpatizantes por causa do prestígio que o cantor tinha na cidade. Em alguns comícios a população vibrava muito mais nos momentos em que o cantor falava do que

quando o próprio candidato a prefeito estava com a palavra, desta forma, muitas pessoas passaram a creditar Rossi como um dos principais motivos para o êxito daquela campanha.⁷

Em 1986, foi lançado o álbum *Com Todo Coração*, ainda pela Gravadora EMI. Nesse LP, Reginaldo Rossi também gravou a canção *Eu Não Presto, Mas Eu Te Amo*, canção essa que trouxe de volta o lado cafajeste do artista “Todos dizem, meu bem/ Que eu tenho uma vida agitada/ Que eu sou playboy/ Não valho nada/ Eu não presto, mas eu te amo/ Eu não presto, mas eu te amo” (CARLOS, 1986).

Em 1987, lançou o disco *Teu melhor amigo*, que apesar de não fazer muito sucesso na época do lançamento se tornou um divisor de águas na carreira musical de Reginaldo Rossi, pois, tinha entre as suas músicas a canção *Garçom*:

“Garçom/ Aqui nessa mesa de bar /Você já cansou de escutar /Centenas de casos de amor/ Garçom/ No bar todo mundo é igual/ Meu caso é mais um, é banal/ Mas preste atenção, por favor/ Saiba que o meu grande amor/ Hoje vai se casar/ Mandou uma carta pra me avisar/ Deixou em pedaços meu coração/ E pra matar a tristeza/ Só mesa de bar/ Quero tomar todas/ Vou me embriagar/ Se eu pegar no sono/ Me deite no chão” (ROSSI, 1987).

Música essa, que apesar de ter sido gravada como uma qualquer no meio de várias outras para se lançar um disco, foi aos poucos alcançando um sucesso nacional que nem mesmo o próprio Reginaldo Rossi esperava. Essa composição que fala de dor de cotovelo, de uma forma simples e direta (como era o estilo de compor de Reginaldo Rossi), se transformou em uma das mais pedidas pelos fãs durante os shows do artista, e iria estourar no sul do país como um grande sucesso no final da década de 1990.

Em 1989, foi lançado o LP *Momentos de amor*, com músicas como *Saí da tua vida*, de Chico Roque e Carlos Colla, *Me tira da solidão*, de Chico Roque, Telma e Carlos Colla e a canção-título *Momentos de amor*, de sua autoria. Esse foi o último trabalho lançado por Reginaldo Rossi na década em que ele definitivamente se transformou no maior nome do romantismo na música “brega” brasileira.

Apesar dos grandes sucessos que já tinham sido gravados por Reginaldo Rossi, ele somente “conquistaria o eixo Rio-São Paulo e, por tabela o resto do Brasil, em 1990, com a música *Garçom* (...), lançada três anos antes. O sucesso tardio da canção trouxe um novo vigor à carreira do ídolo brega.” (CABRERA, 2007, p. 102). De longe a música mais

⁷ Para mais informações sobre essa participação de Reginaldo Rossi nessa campanha eleitoral ver o documentário **Reginaldo Rossi, Meu Amor** (2017), já citado nesse trabalho.

conhecida do cantor, *Garçom* ajudou a transformar o ídolo do Nordeste em grande nome nacional na década de 90, onde o cantor, após quase três décadas de carreira, enfim passa a ganhar notoriedade. Sem dúvidas, essa é a canção

(...) que o marcou e é responsável pela sua unção como Rei do Brega. O termo “Rei” veio de um programa de bons índices de audiência que o cantor apresentou na TV Pernambuco, o Reginaldo Rei, cujos assentos na plateia eram disputadíssimos e o tornou ídolo de uma geração que antes o conhecia quando muito de nome.⁸

E, por falar no título de “Rei do Brega”, que Reginaldo Rossi ganhou na década de 1980. O que para alguns poderia ser motivo de vergonha, pois, possuir tal título seria uma “prova” de que tal pessoa era um artista de “má qualidade”, para o pernambucano humilde que conquistou os corações de milhões de pessoas com as suas canções carregadas de simplicidade e romantismo era exatamente o oposto. Para ele, receber a coroa de “Rei do Brega” era um sinal de que ele conseguiu um espaço de destaque graças ao seu trabalho como cantor de músicas românticas, Reginaldo Rossi só não gostava do significado de “música de segunda classe” que algumas pessoas davam para as músicas “bregas”. Diante disso, vemos que:

Rossi carrega a coroa de "rei do brega" como um boné. Confortável no rótulo que recebeu ao longo dos anos, acredita que o apelido o fez um homem de sorte. No Nordeste, onde mora e faz muitos shows, é aclamado como um monarca. “Foi a melhor coisa que me aconteceu. Sou extremamente feliz assim.” (...) “Não existem categorias para as músicas. O que é música brega e música sofisticada? Eu quebrei o estigma dos 'cornos' e uso a linguagem popular para cantar. É demérito gostar do que o povo gosta?”⁹

Garçom, a canção que mostra o desabafo do amante desprezado, se tornou um sucesso musical absoluto do gênero brega, um verdadeiro clássico, com a letra repleta de versos bregas, parecendo as confissões de um bêbado comum. Talvez esse fosse o segredo de Reginaldo Rossi que conquistava os corações de quem ouvia as suas canções ele poderia ser qualquer um, eu ou você, sofrendo de desamor e solidão. Esse hino-brega, contribuiu para que o gênero ressurgisse e recebesse um outro olhar das pessoas, da mídia e dos críticos musicais. Pois, diante do sucesso da canção, percebemos que outros artistas dos mais diversos gêneros

⁸ Disponível em: <https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/noticia/2013/12/20/a-intensa-e-vitoriosa-carreira-de-reginaldo-rossi-110322.php>. Acesso em: 24 de nov. de 2019.

⁹ Disponível em: <http://g1.globo.com/musica/noticia/2012/05/para-fazer-sucesso-e-preciso-bregar-diz-reginaldo-rossi.html>. Acesso em: 24 de nov. de 2019.

musicais se renderam ao gênero que tem uma forma tão ímpar, cafona e melosa para falar de amor.¹⁰ Além disso, artistas que antes eram considerados bregas passaram a ter as suas obras revisitadas, chegando até a “mudarem de status” no ramo da música e passando a serem considerados cantores “cults”.

Já no decorrer da década de 1990, depois de explodir no cenário musical brasileiro graças ao sucesso da música *Garçom*, o cantor e compositor passou a ser visto com bons olhos pelo circuito alternativo e chegou a assinar um contrato de peso com a gravadora Sony. Diante daquilo que já foi dito do Rei do Brega ao longo dos anos, e sobre o que conseguimos passar neste artigo, poderíamos nos atrever e sintetizar a sua biografia musical dizendo que ao longo de uma exitosa carreira Reginaldo Rossi:

(...) abordou o romantismo por todos os ângulos. Ficou mais conhecido por chorar o casamento de uma amada na mesa do bar. Mas as músicas podem ser trilhas de outras fases de um namoro. De flertes improváveis a finais dramáticos, ele encarou o amor e a fossa de camisa e coração abertos. (...) Ele foi vítima desiludida ("Garçom"), jovem ansioso ("A raposa e as uvas"), "tiozão" apaixonado ("A idade do lobo"), amante dedicado e bilíngue ("Mon amour, meu bem, ma famme"), deu a volta por cima ("O pão") e riu da traição ("O corno") nas canções que o consagraram.¹¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando parte da carreira artística do cantor e compositor Reginaldo Rossi, sua produção musical e como a sua popularidade foi sendo construída ao longo dos anos, percebemos como a história de uma pessoa (ou de um povo) pode sofrer mudanças de acordo com aquilo que as sociedades pensam sobre certos assuntos em determinadas épocas. Com uma carreira ímpar, e que passou por mudanças em alguns períodos para se adequar àquilo que parte da sociedade brasileira julgava como necessário para ser considerado um sucesso musical, Reginaldo Rossi é um personagem cultural marcante e que merece um olhar especial da historiografia por causa de sua contribuição para a história de nossa música nacional.

Ao utilizar a história cultural neste trabalho podemos perceber a importância dessa corrente no ofício do historiador, pois, nela podemos trazer para o campo da historiografia

¹⁰ A lista de cantores que também interpretaram o desabafo do amante desprezado inclui Ivete Sangalo, Otto, Michel Teló e Só Pra Contrariar.

¹¹ Disponível em: <http://g1.globo.com/pernambuco/musica/noticia/2013/12/veja-discos-e-musicas-marcantes-de-reginaldo-rossi.html>. Acesso em: 24 de nov. de 2019.

personagens e fatos que antes não eram levados em conta por quem escrevia a história, assim os “esquecidos” passaram a ganhar o seu lugar na escrita da história. E, dentro da história cultural, é bastante proveitoso estudar a importância da música na história da humanidade por causa do papel social que a mesma exerce. Partindo dessa perspectiva, buscamos atrair a atenção para um tema que ainda carece de estudos mais profundos na historiografia brasileira e que foi sendo marginalizado por autores de obras que contam a história da música brasileira: a música brega.

Buscamos evidenciar neste trabalho como o gênero brega emergiu na música brasileira, e como os seus atores foram sendo tratados durante o seu surgimento e até mesmo em anos mais recentes, tanto pela população como por parte da mídia. E, também, como esse gênero obteve ganhos, e marcou o seu espaço na música brasileira. Para chegarmos aos resultados esperados, confrontamos trabalhos já realizados sobre o tema, além de nos debruçarmos sobre algumas matérias de sites e letras de canções gravadas por Reginaldo Rossi ao longo dos anos que foram usadas como fonte de pesquisa.

Diante disso, podemos mostrar que a música brega pode ser tratada como um importante tema para estudarmos no ramo da historiografia brasileira, pois, trata-se de um exemplo de como um determinado assunto é capaz de passar por mudanças de acordos com os movimentos culturais que ocorrem nas sociedades ao longo dos anos.

REFERÊNCIAS

Bibliografia

ABUD, Kátia Maria; MELO SILVA, André Chaves de; ALVES, Ronaldo Cardoso. **Ensino de História**. São Paulo: Cengage Learning, 2013. (Ideias em Ação)

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M.. Discursos e Pronunciamentos: a dimensão retórica da historiografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

ARAÚJO, Paulo Cesar de. **Eu não sou cachorro, não: música popular cafona e ditadura militar**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

BERUTTI, Flávio. **Ensinar e aprender história**. Belo Horizonte: RHL Editora, 2009.

BURKE, Peter. (org.). **A Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

CABRERA, Antônio Carlos. **Almanaque da Música Brega**. São Paulo: Matrix, 2007.

CATELLI JUNIOR, Roberto. **Temas e linguagens da história: ferramentas para sala de aula no ensino médio**. São Paulo: Scipione, 2009 (Pensamento e ação na sala de aula)

FONTANELLA, Fernando Israel. **A Estética do Brega: Cultura de Consumo e o Corpo nas Periferias do Recife**. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Centro de Artes e Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

NAPOLITANO, Marcos. **História & música: história musical da música popular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SANTOS, Maria Valdenia Félix. **A música comendo dores de amor e construindo o significado da roedeira**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Centro de Humanidades. Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2014.

Músicas

BARROS, Renato. Rossi “The King”. In: ROSSI, Reginaldo. *Rossi The King*: Sony Music, 1999. CD.

CARLOS, Roberto. Eu Não Presto, Mas Eu Te Amo. In: _____. *Com Todo Coração*: EMI, 1986. LP.

CÉSAR; CÍRUS. Pedaco de Mau Caminho. In: _____. *Reginaldo Rossi*: CBS, 1973. LP.

LIMA, Cleide de. Mon Amour, Meu Bem, Ma Femme. In: _____. *Nos Teus Braços*: CBS, 1972. LP.

ROSSI, Reginaldo. Em Plena Lua De Mel. In: _____. *Cheio de Amor*: EMI, 1981. LP.

_____. A Raposa e as Uvas. In: _____. *A Raposa e as Uvas*: EMI, 1982. LP.

_____. Recife, Minha Cidade. In: _____. *Não Consigo Te Esquecer*: EMI, 1984. LP.

_____. Garçom. In: _____. *Teu Melhor Amigo*, 1987. LP.

Documentários

Reginaldo Rossi, Meu Grande Amor. Direção: José Eduardo Mignoli. Produção: Ricardo Carvalho. Brasil: 2017. 90 min.

Vou Rifar Meu Coração. Direção: Ana Rieper. Produção: Suzana Amado. Brasil: 2012. 76 min.

Revistas

BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco; CAVALCANTE, Francimary Alzira. “EU VOU TIRAR VOCÊ DESSE LUGAR”: Amores dançantes na música “cafona” dos anos 1970 e 1980. **Fato & Versões**, Campo Grande, v. 9, n. 17, p. 6-24, 04 de dez. 2017.

Sites

MACHADO, Livia. ‘Pra fazer sucesso é preciso bregar’, diz Reginaldo Rossi. **G1**, 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/musica/noticia/2012/05/para-fazer-sucesso-e-preciso-bregar-diz-reginaldo-rossi.html>>. Acesso em: 24 de nov. de 2019.

A INTENSA e vitoriosa carreira de Reginaldo Rossi. **JC Online**, 2013. Disponível em: <https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/noticia/2013/12/20/a-intensa-e-vitoriosa-carreira-de-reginaldo-rossi-110322.php>. Acesso em: 24 de nov. de 2019.

CARISMA e simplicidade embalavam o sucesso de Reginaldo Rossi, o Rei do Brega. **Acervo O Globo**, 2018. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/carisma-simplicidade-embalavam-sucesso-de-reginaldo-rossi-rei-do-brega-23287715>>. Acesso em: 24 de nov. de 2019.

OUÇA e relembre discos e músicas marcantes de Reginaldo Rossi. **G1**, 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/pernambuco/musica/noticia/2013/12/veja-discos-e-musicas-marcantes-de-reginaldo-rossi.html>. Acesso em: 24 de nov. de 2019.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por tudo o que Ele me proporcionou até aqui.

À minha mãe Josefa Alves, por tudo que ela fez por mim durante toda a minha vida, sem o seu amor e apoio incondicional certamente eu não teria chegado até aqui. Apesar da pouca oportunidade de estudar que ela teve em sua vida, ela sempre me mostrou que a educação era o melhor caminho que poderíamos trilhar na vida e nunca mediu esforços para proporcionar a melhor educação possível para mim e para meus irmãos. Mãe, és a pessoa mais forte do mundo!

Ao meu pai José Inácio (in memoriam), embora fisicamente ausente, sinto a sua presença ao meu lado, dando-me força. Sempre vou lembrar dos seus momentos ouvindo as músicas do Rei do baião Luiz Gonzaga ou os “bregas-românticos” que você tanto gostava, nos seus rádios. Inúmeras vezes eu ouvi por tabela e acabei por gostar também. Seu bom gosto musical também vive em mim, e esse trabalho é um fruto dele.

Aos meus irmãos Adilson, Wellington e Wilson por toda a sua ajuda, companheirismo e apoio durante toda a nossa vida.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio durante a nossa convivência por todo o período do curso, em especial a Laiano por tudo que nós passamos juntos durante todos os anos de curso, sejam dificuldades relacionadas ao curso ou mesmo problemas pessoais. E, a Alcyr, que apesar de não ter percorrido esse caminho comigo desde o primeiro período de aulas acabou se tornando um grande amigo que a Universidade me presenteou.

À todos os professores e professoras com quem tive a oportunidade de aprender ao longo de todo o curso, obrigado por sua dedicação e por me ajudarem a percorrer esse caminho fascinante da História.

Ao professor José do Egito pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pelos seus conselhos e por sua dedicação. Obrigado por aceitar essa tarefa de me ajudar a organizar em palavras esse trabalho que é tão importante para mim.